

# **OS FUNDAMENTOS DE UMA CRISE DE SENTIDO NA CONTEMPORANEIDADE EM HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ\***

## **THE FOUNDATIONS OF A CRISIS OF SENSE IN THE CONTEMPORANEITY IN HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ**

**Caroline Ferreira Fernandes\*\***

### **Resumo**

Este artigo tem como escopo fundamental relatar acerca dos fundamentos de uma crise de sentido e, conseqüentemente, de uma crise ética que vivemos na contemporaneidade a partir dos escritos de Lima Vaz, em especial, o artigo *Ética e Razão Moderna*. Nosso intento é mostrar o contexto histórico e os problemas filosóficos para a constatação dessa crise, nas palavras de Vaz, "uma breve descrição da situação espiritual do Ocidente", mostrando ainda, que se a transformação do espírito se dá na história, a resposta a essa crise se dará em um processo de rememoração (*Erinnerung*, como diria Hegel) e de um reconhecimento ético das virtudes.

**Palavras-chave:** Lima Vaz; sentido; contemporaneidade.

### **Abstract**

The fundamental purpose of this paper is to narrate the foundations of a crisis of sense and hence an ethical crisis that we live in the contemporaneity from Lima Vaz's writings, in particular, the article *Ethics and Modern Reason*. Our intent is to show the historical context and the philosophical problems in order to become aware of this crisis, in Vaz's words, "a brief description of the spiritual situation of the West". Moreover, we will show that if the transformation of the spirit takes place in history, so the answer to this crisis will be realized in a process of remembrance (*Erinnerung*, as Hegel would say) and ethical recognition of virtues.

---

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia na FAJE/MG, bolsista da CAPES, e-mail: carol\_thiff@hotmail.com.

**Keywords:** Lima Vaz; Sense; Contemporaneity.

### **Introdução: Por que falar em crise de sentido?**

O nosso intuito nesse texto é delinear o problema do sentido destacado por Lima Vaz já no seio da cultura moderna. Estamos cientes de que a colocação da pergunta pelo sentido é uma pergunta de caráter *existencial* e, portanto, humana. O homem naturalmente se pergunta pelo sentido da existência<sup>1</sup>, a nossa intenção, portanto, é mostrar que o homem moderno se encontra diante de um paradoxo fundamental e é nele que a questão do sentido tem se levantado como basilar em uma sociedade onde a racionalidade tecnocientífica tem primazia em face dos outros tipos de racionalidade. Queremos evidenciar nesse texto o contexto do que entendemos por crise de sentido e, conseqüentemente, por evidência do niilismo na contemporaneidade.

Para isso, seguiremos três passos fundamentais para delinear as bases dessa crise, o primeiro em um aspecto gnosiológico onde mostraremos os contrastes e os limites do que Vaz entende por uma teoria da *representação*, que já se inicia na chamada "Revolução do século XIV", mas que não pautaremos aqui, mantendo a nossa exposição nos séculos XVII-XVIII que efetivam essa teoria de maneira mais alarmante. O segundo passo se inscreve em um nível antropológico, trataremos da transformação do conceito de sujeito na modernidade. O terceiro passo, por fim, será dado em um aspecto prático com a virada copernicana da Ética, vamos dizer assim, com Thomas Hobbes no século XVII<sup>2</sup>. Nesse aspecto evidenciaremos ainda as insuficiências apontadas por Vaz das éticas modernas e contemporâneas frente ao problema do sentido da existência. Podemos dizer que as perguntas norteadoras do nosso trabalho são: como constatamos uma crise de sentido na sociedade contemporânea? Afinal, já tivemos algum período da história que não a enfrentamos? Se não, quais são as facetas dessa nova crise?<sup>3</sup> É

---

<sup>1</sup> Vaz afirma: "descobrir o *sentido* na floresta dos *sentidos* possíveis é, pois, a tarefa por excelência do ser humano enquanto portador do *lógos*, pois só a ele, aberto constitutivamente ao *ser* e à *verdade*, é oferecido o supremo risco de enunciar o *sentido* verdadeiro e, assim, de interpretar as razões do *ser* em razões do seu próprio *viver*". (VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p.167.)

<sup>2</sup> Vaz afirma: "assim como Galileu foi o primeiro artífice reconhecido da nova razão científica, assim Thomas Hobbes o foi da nova razão ética". (VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Ética e Razão Moderna. Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 22, n.68, 1995, pp. 53-84, p. 71)

<sup>3</sup> Vaz afirma: "a exemplaridade da experiência grega do *não-sentido* [a crise de sentido que estamos

possível propor uma superação pelo menos temporária para a desorientação do homem contemporâneo? Vaz deixou claro em seus escritos essa possibilidade?

Partindo dessas perguntas, mostraremos que o contexto que se delinea o problema do sentido na modernidade é totalmente diferente do contexto clássico-cristão, vivemos na modernidade um paradoxo fundamental, ou como Vaz nomeia, um enigma e para decifrar esse enigma não há como nos desvencilharmos da história, não há como não suprassumir certos valores e nos reconciliarmos com as virtudes para, enfim, termos a possibilidade de uma instauração de uma comunidade ética e não mais fragmentos dela.

### **Advertência preliminar**

Quanto a nossa proposta aqui, faz-se necessária duas advertências preliminares, primeiro quanto a noção de fundamentos, que não abordaremos aqui como raízes, pois caso contrário teríamos que nos ater com proficuidade ao texto *Raízes da modernidade*<sup>4</sup>. Logo, não descartamos a proposta de interpretação vaziana de que o irrompimento da modernidade tem suas raízes em meados do século XIV com a chamada "Revolução do século XIV" e que, segundo ele, "já se desenham as linhas e definem-se as direções do novo tempo histórico que será vivido a partir do Renascimento e que, culturalmente, é designado como *modernidade*"<sup>5</sup>. Mas fizemos a opção neste texto por mostrar os fundamentos da crise de sentido a partir dos séculos XVII-XVIII<sup>6</sup>. A segunda advertência se refere à polissemia<sup>7</sup> da palavra sentido, adotamos aqui uma acepção *existencial* do termo, enquanto uma direção de vida, um *telos* fundamental da existência humana, donde se segue o problema efetivo da crise que se delinea na contemporaneidade. Nesse

---

falando] não deve ocultar a profunda originalidade e mesmo a novidade que caracterizam essa mesma experiência na nossa modernidade ocidental, por isso a nossa empreitada tem seus méritos e não é uma mera reiteração do óbvio. (VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p.169.)

<sup>4</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2012.

<sup>5</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 161.

<sup>6</sup> Reiterando a nossa opção Vaz afirma: "Ora, essa tradição vive ou sobrevive nos últimos séculos dentro de um novo mundo de civilização e cultura que ficou conhecido pelo nome de *modernidade*. Com esse termo pretende-se compreender, sob o mesmo paradigma interpretativo, diversos fenômenos que, implicando-se mutuamente, começaram a ocorrer no mesmo espaço geográfico e cultural e no mesmo tempo histórico, ou seja, a Europa do século XVII". LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Humanismo hoje: Tradição e missão*. PERINE, Marcelo. *Um conflito de humanismos*. Belo Horizonte: PUC Minas, Instituto Jacques Maritain, 2001, p. 8.

<sup>7</sup> Sobre o tema Vaz aborda sucintamente em VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 153-175.

sentido, partilhamos da intenção de Vaz de "refletir sobre a profunda transformação sofrida pelo próprio conteúdo dos termos da questão do sentido, na sua acepção *existencial*, ao ser formulada sob o céu histórico da chamada modernidade"<sup>8</sup>.

## **1. O desenvolvimento da racionalidade moderna: Aspecto gnosiológico**

Tomando a palavra *modernidade* como "o universo simbólico formado por razões elaboradas e codificadas na produção intelectual do Ocidente nesses últimos quatro séculos e que se apresentam como racionalmente legitimadas"<sup>9</sup>, intentamos evidenciar qual universo simbólico que pôde conferir a civilização ocidental moderna o patamar de civilização universal. Para isso, mostraremos, nesse ponto, um dos aspectos desse processo, que se dá no âmbito do problema do conhecimento, em que a modernidade é marcada pela primazia do polo lógico em detrimento do polo metafísico, pelo rompimento com a estrutura analógica da razão, pelo modelo mecanicista adotado e, principalmente, pela teoria da *representação*, marco de uma nova forma de compreensão do mundo, inclusive do próprio homem.

Segundo Lima Vaz, o problema da *representação* não é novo, na Grécia antiga já temos reflexo dele com Platão e Aristóteles criticando o realismo físico de Empédocles. Não obstante, o nosso intuito é mostrar que essa noção de *representação*, que marcou "a mudança estrutural na concepção do conhecimento intelectual humano ocorrida na aurora dos tempos modernos" mostra-se distinta e repercute uma transformação radical do que entendemos por sujeito cognoscente até os dias de hoje.

Consoante Lima Vaz, o aspecto gnosiológico fundamental da racionalidade moderna, que já se inicia com a transformação nominalista no século XIV se dará por uma inversão entre a *representação* do objeto no conhecimento e o *ser*. O que era dado "como elemento subordinado à primazia do *ser* na gnosiologia antigo-

---

<sup>8</sup> Cf. Ibid. p. 156.

<sup>9</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 7.

Para saber mais sobre a etimologia da palavra e sobre o que Vaz entende por *modernidade* ver VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 223-253.

medieval pelo menos até o século XIII<sup>10</sup> agora se dá por uma ruptura, lançando as bases aqui de um processo complexo de imanentização do sentido ordenador da existência, ou, nas palavras de Vaz, "uma imanentização dos termos da relação de *transcendência*"<sup>11</sup>, cabendo ao homem moderno carregar esse fardo de construtor do próprio conhecimento e do próprio sentido, que veremos adiante.

Por teoria da *representação*, Vaz entende como "uma teoria do conhecimento que confere novo estatuto gnosiológico à *representação* do objeto ou ao seu ser intencional objetivo na imanência do sujeito cognoscente"<sup>12</sup>. Essa teoria pode ser considerada a marca da modernidade nesse aspecto, afinal, com ela há uma "reordenação radical das linhas de inteligibilidade com que o homem pensa e interpreta a realidade"<sup>13</sup>. Vaz reitera:

O ciclo da modernidade, se o analisamos a partir da teoria do conhecimento nele dominante, pode ser considerado como aquele no qual o homem ocidental intenta refazer a morada simbólica da sua existência no mundo, situando-a dentro das coordenadas e das perspectivas do espaço da *representação*.<sup>14</sup>

A partir dessa reordenação, há uma nova estruturação do conhecimento, a distinção das três grandes formas de conhecimento em Aristóteles, a saber, o conhecimento *teórico*, *prático* e *poiético*, foram pelo menos virtualmente suprimidas. Na modernidade, há incontestavelmente uma primazia do conhecimento *poiético* em detrimento dos outros. Segundo Vaz:

Abre-se para o sujeito um campo ilimitado de possibilidades de referir-se ao objeto como sendo um *ergon*, um produto da atividade *poiética* do próprio sujeito. O espaço da representação torna-se assim, o lugar de nascimento de um novo estilo de trabalho teórico, caracterizado por uma forma de *construtivismo* que submete o sujeito aos procedimentos operacionais

---

<sup>10</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 159.

<sup>11</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 16.

<sup>12</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 162.

<sup>13</sup> Cf. *Ibid.* p. 164.

<sup>14</sup> Cf. *Ibid.* p. 159.

definidos e estabelecidos pelo sujeito.<sup>15</sup>

Há, portanto, uma primazia das racionalidades formalmente operacionais, o que Lima Vaz chama de polo lógico<sup>16</sup>, em detrimento do polo metafísico. Há um rompimento com a estrutura analógica da razão, "cujo analogado principal era justamente a contemplação metafísica"<sup>17</sup>. Rompemos, assim, com a dimensão de uma razão contemplativa, para sermos guiados por uma razão construtora, ou seja, não buscamos a ordem das coisas, a construímos, nesse rompimento perdemos também a capacidade de "unificar o campo da Razão"<sup>18</sup>.

Para finalizar a nossa síntese, queremos mostrar que há também uma mudança radical na natureza do *método* na modernidade. Com o avanço das ciências naturais, com as descobertas matemáticas e científicas, a racionalidade moderna passou a ter como matriz fundamental a racionalidade lógico-matemática, sua busca por uma exatidão quanto aos procedimentos e pelas leis mais adequadas de funcionamento marca o que entendemos hoje pelo primado da razão tecnocientífica. Segundo Vaz, "a racionalidade lógico-matemática é, pois, o polo em torno do qual se unificam as racionalidades que formam o *globus intellectualis* da razão moderna"<sup>19</sup>.

Esses são alguns aspectos fundamentais para que possamos nos perguntar aonde realmente se evidencia uma crise de sentido a partir do aspecto gnosiológico. A crise se anuncia primeiramente no problema da ruptura com a estrutura analógica da razão, na "inversão do vetor metafísico do conhecimento, orientando-se para a imanência do próprio sujeito"<sup>20</sup>, e, além do mais, pelo primado da razão tecnocientífica que não consegue dar conta das coisas propriamente humanas. Esses são os primeiros fundamentos dessa crise de sentido, dessa crise de orientação *existencial*. Consoante Lima Vaz, "é nesse contexto que irá delinear-se a profunda crise do sentido que acompanha a formação da modernidade e que hoje reconhece o niilismo seu fruto mais legítimo"<sup>21</sup>.

---

<sup>15</sup> Cf. Ibid. p. 163.

<sup>16</sup> Ver: VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Ética e Razão Moderna. Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 22, n.68, 1995, pp. 53-84.

<sup>17</sup> Cf. Ibid. p. 62.

<sup>18</sup> Cf. Ibid. p. 60.

<sup>19</sup> Cf. Ibid. p. 66.

<sup>20</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 164

<sup>21</sup> Cf. Ibid. p. 166.

## 2. Aspecto antropológico: A raiz *espiritual* da crise de sentido

Na modernidade, temos uma transformação de todos os aspectos da vida humana, inclusive do próprio ser humano, ou melhor, o que entendemos por sujeito se torna a raiz fundamental para compreender não só os fundamentos da crise de sentido, mas a nossa própria contemporaneidade. "O *Eu cogitante de Descartes* e o *Eu transcendental de Kant*, dotados de uma atividade de conhecimento essencialmente construtora"<sup>22</sup>, colocaram o homem em um patamar de artífice da própria realidade. Vaz afirma ainda que o homem passou a "assumir um projeto demiúrgico de edificar um mundo simbólico submetido a um sistema de medidas imanente a ele mesmo"<sup>23</sup>. Essa imanentização do próprio sentido da realidade trouxe ao homem moderno ganhos, principalmente os materiais, mas trouxe também um desespero existencial profundo, donde a ordem não é mais buscada, contemplada, mas dada, construída por ele mesmo. Ao perder a dimensão da *transcendência* do *espírito*, o homem começou a carregar sobre si um fardo existencial da consequência da própria autonomia e da própria dimensão construtora. Segundo Vaz, "o sujeito cumpre, assim, a função de *hypokeimenon*, de substância primeira, mas entendida como *atividade (enérgeia)* que sustenta todo o edifício simbólico da cultura moderna"<sup>24</sup>.

Podemos dizer, portanto, que com essa noção fundamental de demiurgo da própria existência e realidade, o homem perdeu sua fonte ordenadora, "o *cosmos* não é mais dotado dos predicados da unicidade, da finitude espacial, do fixismo das essências e da teleologia das naturezas"<sup>25</sup>, ele agora é um espaço infinito, não ordenado, não contemplado, mas construído. A harmonia buscada pelo homem clássico dá lugar ao desespero desse novo demiurgo existencial. Vaz afirma: "O vazio metafísico do mundo provoca, no ser humano, uma experiência dilacerante que atinge a sua unicidade profunda"<sup>26</sup>. Por isso, reiteramos que a dimensão antropológica pode ser considerada a raiz fundamental da crise de sentido do homem

---

<sup>22</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Ética e Razão Moderna. Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 22, n.68, 1995, pp. 53-84, p. 62.

<sup>23</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 161.

<sup>24</sup> Cf. Ibid. pp. 169-170.

<sup>25</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia IV. Introdução à ética filosófica 1*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 269.

<sup>26</sup> Cf. Ibid. p. 271.

moderno e do homem contemporâneo que tem vivido nos últimos tempos a evidência de um niilismo.

### **3. O desenvolvimento da racionalidade moderna: Aspecto prático**

Segundo Lima Vaz, "o advento da razão moderna significou uma profunda revolução nos fundamentos da Ética, provocada pelo deslocamento do centro unificador das racionalidades do polo *metafísico* para o polo *lógico*"<sup>27</sup>. Nosso escopo nesse ponto é mostrar as características peculiares desse novo desenvolvimento da Ética, evidenciando algumas insuficiências apontadas pelo nosso autor e o fundamento de uma crise de sentido e, portanto, de uma crise ética que vivemos na contemporaneidade.

Para Vaz, a primeira manifestação dessa transformação no âmbito prático já se dá "no nominalismo tardo-medieval e na crítica nele presente à analogia do ser"<sup>28</sup>, mas seu cume fundamental se dará em três grandes momentos na modernidade com René Descartes, Thomas Hobbes e Immanuel Kant.

Antes de falarmos desses três grandes autores, precisamos recuar um pouco na história e lembrar a importância do período renascentista, datado nos séculos XV e XVI, para o desenvolvimento das éticas posteriores. O melhor adjetivo que poderíamos conceder a Renascença é o de transição. Ela marcou um período de transição entre a Idade Média e os tempos modernos. Vaz ressalta duas facetas indispensáveis desse período para o desenrolar histórico da Ética ocidental, uma enquanto resgate da "herança das grandes escolas éticas da Antiguidade"<sup>29</sup>. A outra faceta é "a inauguração de um novo estilo de reflexão moral, integrado ao projeto de uma nova concepção da cultura e de uma nova pedagogia, fundamentos de um novo universo simbólico que assinala a ascensão do *indivíduo* ao primeiro plano da cena histórica e o primeiro anúncio da chamada modernidade"<sup>30</sup>.

Esse período foi o marco fundamental para entendermos tanto a posição do *indivíduo* na modernidade quanto o desenvolvimento do princípio de *autonomia* tão caro aos tempos modernos. É nesse

---

<sup>27</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Ética e Razão Moderna. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 22, n.68, 1995, pp. 53-84, p. 70.

<sup>28</sup> Cf. Ibid. p. 70.

<sup>29</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia IV. Introdução à ética filosófica 1*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 265.

<sup>30</sup> Cf. Ibid. p. 265.

contexto que a Razão enquanto centro do universo simbólico da civilização ocidental, considerada, a civilização da Razão, mudará o rumo que havia tomado. Nesse momento, com o surgimento das ciências naturais, com a necessidade de um discurso lógico-matemático diante das certezas que a matemática propunha que o eixo da Razão inverte, não mais temos o polo metafísico, como vimos no ponto acima, como centro fundamental, mas temos o polo lógico, donde o caráter operacional das coisas tem primazia. O desenvolvimento das tecnociências, a dissolução do polo metafísico, a ausência de um transcendente ordenador e o espaço infinito e vazio do *cosmos* são algumas marcas desse período.

Não obstante, como nem tudo é só progresso, esse período se viu diante de um desafio aparentemente solúvel teoricamente, mas que se viu insolúvel na prática. Que é o problema da instauração de uma Ética que possibilitasse ao agir humano certezas objetivas e matemáticas assim como nas ciências. É nessa aporia que Descartes se encontra e que a Renascença entra em crise e falência. Consoante Lima Vaz, "o itinerário da Ética moderna pode ser percorrido seguindo justamente o roteiro das sucessivas tentativas para superar, no domínio da *ação* e da consciência primordial do *dever-ser*, que a define como *ética*, esse duplo desafio"<sup>31</sup>.

Descartes, portanto, será considerado o primeiro filósofo que se deparou com esse desafio. Obviamente, é paradoxal que ele tenha sido considerado um dos primeiros que escreveu as primeiras páginas da Ética ocidental sem de fato não ter chegado a escrever uma teoria ética, propriamente dita, mesmo que tenha considerado esta sua maior empreitada. Vaz afirma que esse paradoxo é justificado, pois a maior contribuição de Descartes está nas primeiras enunciações dos problemas éticos que serão tratados ao longo da história.

Descartes, encantado pelo método das ciências naturais e com o modelo lógico-matemático, predominante em todo o seu programa, vê-se diante de uma dura tarefa, e esta será o escopo de todos os pensadores dessa época, a de transpor esse método promissor no domínio da *práxis*. Não obstante, essa tarefa "se mostrou irrealizável ao longo da história da razão moderna"<sup>32</sup>, levando Descartes a apelar para a Moral provisória.

Podemos dizer, portanto, que o caminho que Descartes

---

<sup>31</sup> Cf. Ibid. p. 272.

<sup>32</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Ética e Razão Moderna. Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 22, n.68, 1995, pp. 53-84, p. 70.

preparou não foi de uma Ética propriamente universal, como havia pensado, mas sim do desenvolvimento de um sujeito artífice, que carregaria a responsabilidade e a autonomia de construir o próprio universo simbólico, tendo a dimensão *poiética* um caráter central do mesmo, tendo como efeito o paradigma mecanicista que, segundo Vaz, "o programa cartesiano cumpre suas exigências fundamentais"<sup>33</sup>. Vaz reitera:

O domínio do agir humano ou da *práxis* revelou-se irredutível à racionalidade matemática da *physis*. A constituição da Ética no espaço da razão moderna teve de renunciar aos procedimentos metódicos e à estrutura sistemática das ciências da natureza, e buscar no próprio *sujeito*, tematizado sob diversos aspectos, o princípio ao mesmo tempo lógico e ontológico do agir ético.<sup>34</sup>

É nesse aspecto, que as transformações nos âmbitos práticos se delineiam, dando fundamentos para o princípio *autônomo* do sujeito, fazendo do mesmo o legislador moral. Segundo Vaz, ainda se faz necessário ressaltar as peculiaridades de mais dois importantes autores que marcaram o desenvolvimento da Ética ocidental moderna, que forma Thomas Hobbes e Kant. Hobbes, pode ser considerado o novo paradigma da razão ética, toda sua empreitada consiste em resgatar para o plano da ação e, conseqüentemente, do dever-ser, a primazia do polo lógico. Segundo Vaz, Hobbes foi "fiel aos princípios do materialismo mecanicista e mostrou com inconfundível nitidez o caráter *poiético* ou fabricante do conhecimento dos valores éticos. Ele reconheceu uma única originalidade do homem, a de ser o artífice da própria humanidade"<sup>35</sup>. Em Hobbes, podemos perceber claramente a tentativa de transpor para a racionalidade ética o caráter instrumental da racionalidade tecnocientífica, por isso sua ética pode ser considerada "estritamente egoísta e utilitarista"<sup>36</sup>. Desta concepção teremos os dois grandes paradigmas da modernidade, o racionalismo e o empirismo, destes dois, portanto, a tentativa de uma nova abordagem com Kant e Hegel.

Nesse ponto, nosso objetivo foi tentar elucidar que os

---

<sup>33</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia IV. Introdução à ética filosófica 1*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 277.

<sup>34</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Ética e Razão Moderna. Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 22, n.68, 1995, pp. 53-84, p. 70-71.

<sup>35</sup> Cf. *Ibid.* pp. 71-72.

<sup>36</sup> Cf. *Ibid.* p. 72.

fundamentos da crise de sentido que vivemos na contemporaneidade decorre também do âmbito prático em dois grandes momentos, a saber, a do sujeito como artífice do conhecimento e da própria moralidade e, conseqüentemente, do princípio autonômico do sujeito, marca da sociedade moderna e dos nossos dias.

É nesse contexto, portanto, que as Éticas contemporâneas estão inseridas, segundo Vaz, elas buscam conciliar agora, partindo do hegelianismo, o momento da autonomia do sujeito com a sua realidade histórica, o desafio que ela se coloca, portanto, é como "fundamentar e explicar a passagem do agir ético individual ao consenso da comunidade ética"<sup>37</sup>. A nossa pergunta, portanto, é porque o que ainda vemos é uma dissolução da comunidade ética? Aonde estão as insuficiências basilares dessas éticas?

No artigo, *Ética e Razão Moderna*, Vaz é contundente, ele diz: O grande problema das éticas contemporâneas é que elas ainda "permanecem fiéis, à sua maneira, ao princípio constitutivo da razão moderna que é a primazia do polo *lógico* a partir do qual se definem os campos do seu exercício legítimo, permanecendo o polo *metafísico* num domínio transracional ou simplesmente metafórico".

Ele identifica ainda dois grandes grupos das teorias éticas contemporâneas, um com a primazia da lógica do sujeito e o outro da lógica da experiência. Enquanto as lógicas do sujeito são insuficientes porque ao se basear ora no consenso, ora na linguagem, "o sujeito passa a ser apenas o suporte de um consenso ou de um cálculo das conseqüências de um agir erigido em princípio puramente lógico"<sup>38</sup>. As lógicas da experiência são insuficientes porque ao ter como centro fundamental de suas teorias as motivações do sujeito para o seu próprio agir, elas permanecem no princípio de autonomia e não conseguem ultrapassar os níveis da particularidade do *ethos*, ou da autonomia do sujeito, para os níveis da universalidade da ética, ou da razão. Ele elenca alguns exemplos de pseudo-éticas dessa vertente: o hedonismo, o utilitarismo, o biologismo, o psicologismo, o sociologismo.

É importante evidenciar essas críticas justamente para entendermos a sua proposta quando ele afirma que o problema dessas éticas contemporâneas é que elas "relegam um fenômeno verdadeiramente originário da nossa vida ética que é a *consciência moral*", não é sem razão, portanto, a sua pretensão de uma

---

<sup>37</sup> Cf. Ibid. p. 74.

<sup>38</sup> Cf. Ibid. p. 57.

rememoração dos princípios da ética clássica e, conseqüentemente, de uma retomada do polo metafísico como primazia, já que ele afirma, citando Robert Spaeman, de que "não há ética sem metafísica"<sup>39</sup>. Logo, Vaz deixa claro que o tempo que vivemos é, portanto, um tempo de crise de sentido e de um "nihilismo ético que tem se difundido em todos os domínios da civilização ocidental"<sup>40</sup>.

#### **4. A modernidade se apresentando como enigmática: Um enigma do sentido e da razão**

Diante dos três aspectos fundamentais para a constatação de uma crise de sentido, podemos compreender o que significa para Lima Vaz o chamado "enigma da modernidade". Para ele, o enigma se apresenta em face do que chamamos hoje de primazia da razão tecnocientífica de que já falamos, segundo Vaz, a nossa sociedade sofre de um paradoxo fundamental, o de que ao mesmo tempo que crescemos em dimensões materiais, atrofiados em nossas dimensões espirituais e éticas, nós sofremos de uma anomia ética, o grande desafio da contemporaneidade é resgatar o que inevitavelmente perdemos com a modernidade, que foi a nossa dimensão da *transcendência do espírito*. Vaz afirma:

Se, segundo a diagnose bergsoniana, nossa civilização mostra um corpo muito grande para uma alma muito pequena, parece evidente que esse grande corpo é formado sobretudo pela enorme acumulação de meios e recursos materiais postos à disposição do homem, ao passo que a pequena alma permanece obstinadamente presa à razão puramente instrumental e incapaz de definir fins e valores adequados às dimensões e à audácia da aventura humana nesse mundo prodigiosamente dilatado.<sup>41</sup>

O homem contemporâneo vive, portanto, "uma crise do *ser* e não do *ter*"<sup>42</sup>. Nessa perspectiva, Vaz nos lança as seguintes interrogações: "Que destino espera o homem lançado na aventura da tecnociência? Ou, em termos mais teóricos, quais os fins de uma cultura que tem como matriz a razão científica e que deve submeter

---

<sup>39</sup> Cf. Ibid. p. 73.

<sup>40</sup> Cf. Ibid. p. 77.

<sup>41</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Morte e vida da filosofia. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 18, n. 55, 1991, pp. 677-691, p. 679-680.

<sup>42</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Ética e Razão Moderna. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 22, n.68, 1995, pp. 53-84, p. 55.

aos padrões de racionalidade dessa matriz todas as suas obras em todos os seus campos: ético, político, artístico, religioso?"<sup>43</sup>

Obviamente, Vaz não deixa de reconhecer as nossas conquistas na modernidade, são inegáveis os ganhos que tivemos, ele não pretende, e isso seria uma tamanha ingenuidade, um retrocesso na dimensão do ter, mas deseja sim que repensemos o lugar central da racionalidade tecnocientífica no nosso universo simbólico. Não precisamos pensar muito para enxergarmos que essa centralidade passou a ser um problema e, portanto, o fundamento de uma crise de sentido e ética na contemporaneidade. Vaz reitera que "a crise da modernidade se delinea justamente como consequência da extensão indevida do modelo *poiético* ao âmbito da *theoría* e da *práxis*, onde deveria prevalecer outra forma de conhecimento, tendo como reto exercício a contemplação da *verdade do ser* e a realização da *bondade da vida*"<sup>44</sup>.

Sem mais delongas, podemos afirmar, portanto, que o enigma que nos é apresentado na nossa sociedade precisa ser superado, o nosso papel não é de superá-lo pois este se dará na história, mas sim de mostrar suas bases, suas contradições, ou seja, "o paroxismo de uma crise sem precedentes"<sup>45</sup>. Partilhamos da visão de Perine:

Não se trata, evidentemente, na tentativa de propor alternativas de superação das contradições presentes em nossa realidade, de formular novas utopias que nos eximam de nossas responsabilidades e que nos proponham solucionar, como um *deus ex machina*, os impasses que nós mesmos criamos a partir de nossas possibilidades realizadas. Trata-se, antes de tudo, de compreender, se é que temos razões para pensar que a realidade compreendida não é mais a mesma antes da compreensão.<sup>46</sup>

Podemos colocar o problema, portanto, da seguinte maneira: Se "a tarefa assumida pela Ética é a racionalização do *ethos* na forma de uma ciência do agir"<sup>47</sup> e a crise fundamental da civilização ocidental moderna, tida como universal, tem suas bases na primazia da razão tecnocientífica, enquanto tem subjugado as outras formas

---

<sup>43</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 108-109.

<sup>44</sup> Cf. Ibid. p. 171.

<sup>45</sup> Cf. Ibid. p. 123.

<sup>46</sup> PERINE, Marcelo. Ética e Sociedade: Razão teórica e Razão técnica. *Síntese*, v. 29, n. 93, 2002, pp. 49-68, p. 66.

<sup>47</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 133.

de racionalidade a ela, então o discurso ético poderá ter seu desenvolvimento a partir de um novo olhar sobre qual racionalidade deverá ter primazia no discurso. Hoje, o que percebemos é que o primado dessa racionalidade - que nos galgou o patamar de civilização universal, mas que, em contrapartida, tem se mostrado insuficiente no que tange as questões humanas - tem tido lugar também no âmbito prático com as éticas hedonistas e utilitaristas, que são profundamente estreitas para dar conta de problemas fundamentais, como, a fundamentação de uma ética que seja universal, o problema do reconhecimento, a instauração de uma comunidade ética, entre outros.

Sendo assim, a nossa questão quanto aos fundamentos de uma crise de sentido, encontra-se, portanto, profundamente imbricada com o destino da razão, ou melhor, com o problema do primado da razão tecnocientífica que tem se mostrado paradoxal quanto ao grande desenvolvimento de bens materiais e quanto a incapacidade de proporcionar a nossa civilização uma alma ética. Não é sem razão a afirmação de Vaz de que "não é no terreno da produção dos bens materiais e da satisfação das necessidades vitais que a crise profunda se delinea. É no terreno das razões de viver e dos fins capazes de dar sentido à aventura humana sobre a terra"<sup>48</sup>. Sendo nesse terreno que nos aventuraremos no próximo tópico.

## **5. Será uma comunidade ética possível? Um desafio que se apresenta ao homem contemporâneo**

Nesse tópico, pretendemos analisar dois pontos fundamentais, o primeiro diz respeito ao aspecto da "dissolução progressiva do universo ético"<sup>49</sup> em nossa civilização e o outro é o resgate supressumido das virtudes clássicas proposto por Lima Vaz. A pergunta que nos norteia é a seguinte:

"Onde buscar a origem desse trágico paradoxo de uma civilização sem ética ou de uma cultura que, no seu impetuoso e aparentemente irresistível avanço para a universalização, não se fez acompanhar pela formação de um *ethos* igualmente universal, expressão simbólica

---

<sup>48</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Ética e Razão Moderna. Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 22, n.68, 1995, pp. 53-84, p. 55.

<sup>49</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 140.

das suas razões de ser e do seu sentido?"<sup>50</sup>

Diante da pluralidade antropológica e de culturas que vivemos em nossa civilização, o problema da comunidade ética tem sido alvo de uma profícua análise na literatura filosófica contemporânea, em especial, os chamados comunitaristas. Lima Vaz está entre os que analisou o problema com destreza e propôs uma certa estrutura para que fosse possível sua realização. Segundo Vaz, uma Ética universal somente será possível quando superarmos a ideologia do individualismo, recolocar a posição do homem na ordem do cosmos, estruturar a categoria do reconhecimento, como uma categoria antropológica e ética, e, por fim, resgatar a estrutura ternária que tínhamos na idade clássica, a saber, princípio-ordem-sujeito, superando a estrutura binária da modernidade indivíduo-comunidade.

Vaz afirma: "Nenhuma Ética universal será possível sem que as relações propriamente intersubjetivas sejam reconhecidas e vividas como relações éticas, vem a ser, legitimadas objetivamente e vigentes publicamente como expressões de uma comunidade ética"<sup>51</sup>.

Percebemos, portanto, que a possibilidade de superação desse desafio que nos é colocado está na saída do homem de sua redoma, do seu ego, do princípio autonômico do sujeito, da "imantização do sujeito como princípio e fundamento que torna possível a *práxis* como *práxis* ética"<sup>52</sup>. Enquanto as respostas para o problema de uma comunidade ética se mantiverem nessa estrutura binária, indivíduo-comunidade, ela não será possível. Vaz insiste que o grande erro das teorias éticas contemporâneas, portanto, está em manter o polo lógico como centro da razão, em detrimento do polo metafísico como estruturante do nosso universo simbólico. Nessa perspectiva, Vaz afirma que "devemos sair do círculo lógico traçado pelo postulado da autonomia absoluta da *práxis*"<sup>53</sup> e nos abirmos ao todo para a efetivação de uma Ética universal. Caso contrário, estaremos fadados a <sup>54</sup>uma civilização ausente de uma Ética universal, sujeita ao "niilismo ético, quer dizer, ao programa que absolutiza o uso da liberdade, ao mesmo tempo em que proclama seu ceticismo com respeito às razões e aos fins de ser livre".

A proposta de Vaz, portanto, para esse desafio está na pressuposição de uma reafirmação, ou melhor, uma reinserção de

---

<sup>50</sup> Cf. Ibid. p. 130.

<sup>51</sup> Cf. Ibid. p. 143.

<sup>52</sup> Cf. Ibid. p. 144.

<sup>53</sup> Cf. Ibid. p. 144.

<sup>54</sup> Cf. Ibid. p. 145.

uma semelhança de natureza analógica entre "o domínio da Natureza e o domínio da Sociedade"<sup>55</sup>, ou seja, de uma retomada de uma matriz ternária, a saber, de "um princípio ordenador, um modelo de ordem e os elementos ordenados"<sup>56</sup>. Ele afirma:

Sem a articulação desses três termos a Natureza se mostraria como um caos inabitável para o homem, e a Sociedade não poderia constituir-se na sua estrutura organizacional; ou ainda, perdidas as coordenadas desse espaço intencional de referência, a Sociedade mergulharia nessa anomia intolerável que caracterizaria justamente a consequência extrema do niilismo ético.<sup>57</sup>

É essa retomada, portanto, que Vaz procurará sustentar, afinal, se não chegamos, estamos prestes a chegar nessa condição de inabitabilidade da Natureza para o homem. Ele propõe, portanto, que para vivermos satisfatoriamente um *ethos* comunitário, a harmonia entre as partes dessa matriz ternária deverá estar em pleno equilíbrio para que não coloquemos em risco o bem-estar da comunidade ética. Para evidenciarmos a nossa proposta quanto o reconhecimento das virtudes e da possibilidade de uma comunidade ética, Vaz rememora a proposta aristotélica das virtudes como uma segunda natureza como um exemplo possível e aplicável de um *ethos* comunitário, fundamentado, sobretudo, "na homologia estrutural entre a forma dos hábitos ou virtudes e a prática *técnica* que permitiu a articulação do fazer humano com a ordem nomológica da Natureza"<sup>58</sup>.

Para a superação da dissolução da comunidade ética, ele diz ainda que é preciso que a nossa civilização procure solucionar "dois problemas que são como o estuário de todas essas dificuldades e que permanecem desafiando o pensamento social e político contemporâneo"<sup>59</sup>. A saber, o problema do *reconhecimento* e da rearticulação dessa matriz ternária para a instauração de um comunitário. O primeiro, enquanto, conhecimento do *outro* numa relação de reciprocidade que permita a sua aceitação no mesmo nível de universalidade, na medida em que ambos se apresentam como portadores *ex aequo* dos mesmos direitos e correspondentes direitos"<sup>60</sup>, mostra-se profundamente ameaçado pela ideologia do

---

<sup>55</sup> Cf. Ibid. p. 145.

<sup>56</sup> Cf. Ibid. p. 145.

<sup>57</sup> Cf. Ibid. pp. 145-146.

<sup>58</sup> Cf. Ibid. p. 146.

<sup>59</sup> Cf. Ibid. p. 148.

<sup>60</sup> Cf. Ibid. p. 149.

individualismo que vivemos hoje, pelo "postulado da autonomia do indivíduo como primeiro princípio da ordem das razões do ser-em-comum social, ou da absolutização a sua *práxis*"<sup>61</sup>. O segundo problema, portanto, é o problema da rearticulação da particularidade do *ethos* em direção à universalidade da ética, como propormos um *ethos* que seja comunitário diante da "dissolução das comunidades tradicionais ao choque da modernidade"<sup>62</sup>, como alcançar uma comunidade ética nessa estrutura binária, que já se viu insuficiente, o caminho que devemos percorrer agora será o de uma rearticulação da "estrutura ternária capaz de assegurar a estruturação de uma comunidade ética universal"<sup>63</sup>.

Esses dois problemas só serão resolvidos, portanto, com a retomada de uma nova figura da Transcendência, a retomada de um princípio ordenador que não seja o próprio sujeito e, portanto, "irredutível à sua imanência"<sup>64</sup>, com o reconhecimento do outro no mesmo nível de universalidade, com uma rememoração da ética das virtudes, com a retomada do polo metafísico como centro ordenador do nosso universo simbólico.

## Conclusão

Percorremos um longo e árduo caminho para buscarmos nos fundamentos de uma crise de sentido a esperança de que é possível superar o niilismo se transcendermos a nós mesmos, se revitalizarmos o nosso elo perdido com a tradição, se nos abirmos à verdade e ao Bem e se percebermos no outro a sua condição de pessoa humana, acima de tudo. Pode-se dizer, portanto, que se o percurso até aqui seguido foi esclarecedor, Lima Vaz não pretende dar a resposta para os problemas vividos na contemporaneidade, pois assim como Hegel<sup>65</sup> vê na filosofia a tarefa de lidar com o que é e não com o que *deve ser*, Lima Vaz quer acolher o próprio tempo em categorias que nos possibilitem interpretar a nós mesmos para quem

---

<sup>61</sup> Cf. Ibid. p. 149.

<sup>62</sup> Cf. Ibid. p. 149.

<sup>63</sup> Cf. Ibid. p. 150.

<sup>64</sup> Cf. Ibid. p. 151.

<sup>65</sup> Nas *Linhas fundamentais da filosofia do direito*, Hegel afirma: "A tarefa da filosofia é conceituar o que é, pois o que é, é a razão. No que concerne ao indivíduo, cada um é de toda maneira um *filho de seu tempo*; assim a filosofia é também *seu tempo apreendido em pensamento*. É tão insensato presumir que uma filosofia ultrapasse seu mundo presente quanto presumir que um indivíduo salte além de seu tempo, que salte sobre Rhodes. Se sua teoria de fato está além, se edifica um mundo *tal como ele deve ser*, esse mundo existe mesmo, mas apenas no seu opinar, - um elemento maleável em que se pode imaginar qualquer coisa. (HEGEL. G. W. F. *Linhas fundamentais da filosofia do direito*. Tradução Paulo Meneses [et al.]. São Paulo: Loyola, 2010, p. 43).

sabe entendermos os fundamentos capazes de nos guiar para o sumo Bem e para a concretude da justiça.

### **Referências bibliográficas**

HEGEL, G. W. F. *Linhas fundamentais da filosofia do direito*. Tradução Paulo Meneses [et al.]. São Paulo: Loyola, 2010.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de. *Metafísica e ética: A filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao nihilismo contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 2013.

PERINE, Marcelo. Ética e Sociedade: Razão teórica e Razão técnica. *Síntese*, v. 29, n. 93, 2002, pp. 49-68.

PERINE, Marcelo. *Um conflito de humanismos*. Belo Horizonte: PUC Minas, Instituto Jacques Maritain, 2001. (Coração informado; 5)

RIBEIRO, Elton Vitoriano. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Loyola, 2012.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Ética e Civilização. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 17, n. 49, 1990, pp. 5-14.

\_\_\_\_\_. Ética e comunidade. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v.18, n. 52, 1991, pp. 5-11.

\_\_\_\_\_. Morte e vida da filosofia. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 18, n. 55, 1991, pp. 677-691.

\_\_\_\_\_. Sentido e não-sentido na crise da modernidade. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 21, n. 64, 1994, pp. 5-14.

\_\_\_\_\_. Cultura e Filosofia. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 21, n. 67, 1994, pp. 479-493.

\_\_\_\_\_. Ética e Razão Moderna. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 22, n.68, 1995, pp. 53-84.

\_\_\_\_\_. Crise e verdade da consciência moral. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 25, n. 83, 1998, pp. 461-476.

\_\_\_\_\_. *Humanismo hoje: Tradição e missão*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001 48 p. (Coração informado; 5)

\_\_\_\_\_. *Antropologia filosófica I*. 8ª. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Escritos de Filosofia IV. Introdução à ética filosófica 1*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 265.

\_\_\_\_\_. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2012.